

A pesquisa e o alfenim

Flávia Camargo Toni¹

No início da década de 1980 a pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes reunia público bastante diversificado, uma vez que os poucos professores titulados de então se desdobravam para atender aos alunos que buscavam especialização em música, artes plásticas, cinema, jornalismo, comunicações, rádio e tv e um sem número de interdisciplinaridades. E eis que “Os antecedentes da Semana de Arte Moderna”, disciplina ministrada por Walter Zanini, aproxima uma doutoranda que estudara os artistas brasileiros que se formaram na França na década de 1920, a uma mestranda que então estudava o compositor Manoel Dias de Oliveira, falecido em 1813, em Tiradentes (Minas Gerais). Na hora do café, num bar que nem mais existe, Marta Rossetti se aproxima de mim e diz: “Lá no IEB, onde trabalho, há uma porção de material para você usar no seminário do Zanini.” E eu, que tinha como única referência do IEB saber que ali, na Coleção Lamego, se aninhavam o Recitativo e Ária atribuídos ao Padre Caetano Mello de Jesus, viria a mudar completamente meus horizontes em função desta aproximação, embora quase 20 anos depois meu mestrado em música voltasse a render muito assunto para nós duas.

Na primeira vez que estive no IEB, Marta, orgulhosa, me fez conhecer todas as dependências da antiga sede, no Bloco D; na última vez que a vi, após uma reunião da Câmara Científica, a amiga, já muito debilitada, me contava sobre o final do arranjo do Fundo Anita Malfatti e dos últimos retoques para a correspondência cruzada entre a pintora e Mário de Andrade. No decorrer deste período a vida nos aproximou bastante, confirmando algumas colaborações inusitadas e ampliando os laços de afeto.

Iniciando meu estágio no IEB, passei a trabalhar com o acervo musical de Mário de Andrade, orientada por Telê Porto Ancona Lopez e, durante certo tempo, não havia muito assunto a discutir com Marta, engatinhando que eu estava em temas que ela há tempos dominava. A exceção cabia a Villa-Lobos e o ambiente artístico parisiense onde fermentaram tantas idéias e obras importantes. Mas, aos poucos, à medida que a amiga co-

¹ Livre-Docente do IEB (área de Música).

meçou a se debruçar sobre as obras de religião e magia, música, dança e cotidiano da Coleção Mário de Andrade – sub-divisões que ela tantas vezes me explicou – os temas de nossas conversas proliferaram, uma vez que conheço suficientemente o acervo da Missão de Pesquisas Folclóricas. O acervo, formado sob o olhar de Luiz Saia, hoje patrimônio do Centro Cultural São Paulo, espelha parcela dos objetos reunidos por Mário, uma vez que ele incumbira o Chefe da Missão de comprar alguns exemplares de arte popular para si mesmo. Marta e eu trocávamos informações sobre tudo e muitas vezes fomos auxiliadas por José Saia, Neto.

Além dos objetos do norte e do nordeste, entre as peças da Coleção do IEB há uma imagem de São João Evangelista, comprada pelo poeta modernista na mesma Tiradentes que conheci tão bem no mestrado. Em 1924, na “viagem de descoberta do Brasil”, Mário de Andrade provavelmente adquiriu aquele óleo sobre madeira que, no verso, consta ter pertencido ao Padre Carlos Toledo. Desde a primeira vez que vi a peça suspeitei que fosse de autoria de Manoel Victor de Jesus, pintor de uma das sacristias da Matriz de Santo Antônio, e insistia no assunto até o dia – coincidência feliz – em que ela visitou a cidade por ocasião de um congresso do Comitê Brasileiro de História da Arte. Infelizmente não havia mais tempo de acrescentar qualquer informação ao livro, mas a amiga conferiu o que as evidências não poderiam mascarar, ou seja, que a imagem do santo é muito provavelmente do pintor oitocentista.

A pesquisa era, sem dúvida, o campo de maior interesse de Marta. Generosa, não faltavam ocasiões para que ela dividisse o quanto vinha estudando e, comigo, era comum falarmos sobre os possíveis motivos de Mário de Andrade ter reunido objetos. Com documentação exaustiva, em mais de uma ocasião ela demonstrou que no projeto de estudar o Brasil o crítico paulista preparou-se também para estudar a cultura material. Em um de seus textos mais belos, Marta analisa um pedaço de cipó mata-matá que Mário recolhera em sua viagem ao norte, em 1927, cipó do qual ele já ouvira falar no relato de Koch-Grünberg, na mesma obra que abriga a matriz para seu *Macunaíma*. E na interpretação da pesquisadora, o emprego do cipó que constrói a escadinha que leva Macunaíma para o céu denuncia o escritor modernista que se reconhece no naturalista alemão. A conclusão da estudiosa pode ser lida na Introdução ao catálogo “Arte religiosa. Artesanato e arte popular”, mas as palavras não podem traduzir o brilho dos olhos da autora ao narrar a seqüência de deduções que coroou o trabalho de pesquisa.

A amiga, de fato, conhecia minha animação para o trabalho e a pesquisa. Entre 1994 e 1998, quando Marta foi Diretora do IEB, tive a oportunidade de auxiliá-la no projeto que

preparou o Arquivo com equipamentos de consulta e trabalho para usuários e funcionários, verba doada pela FAPESP. Tempo de convívio mais estreito, nem por isso mais íntimo, porque Marta sempre foi pessoa discreta. Uma das maiores confidências foi trocada certa vez, num almoço, quando falávamos sobre hábitos alimentares e ela, meio encabulada, confessou: “Nem de vinho eu gosto muito, a não ser um amarelinho e bem docinho que o Luís Olavo abre de vez em quando...” E eu, quase babando perguntei: “Sauterne, Marta?”. “Isso mesmo, Flávia. É esse aí.”

A gula, bem como a voracidade jamais foram características de Marta que muito me ensinou sobre a ética acadêmica. No entanto, era determinada e firme em seus pontos de vista e algumas vezes me fez lembrar a doçura, cordialidade e determinação de outra estudiosa de Mário de Andrade da qual tive oportunidade de me aproximar, a musicóloga Oneyda Alvarenga.

Aqueles que conheceram a musicóloga, aluna e colaboradora de Mário de Andrade, sabem que a semelhança existe: fundadora e diretora da Discoteca Pública, era mulher de aparência frágil, miúda e aparentemente tímida, de fala mansa. No entanto, na defesa das suas idéias, e tratando da administração do bem público, era decidida. Os que conviveram com Marta também sabem que ela era igualmente frágil e aparentemente tímida, mas sedutora ao defender as posições que assumia, tinha outra característica atrás dos óculos de pouco sorriso: a generosidade larga, muito disposta e convidativa, principalmente quando se tratava de estimular alguém a pesquisar. Não era sisuda, mas se permitia o tempo necessário para estudar opiniões e pesar os prós e os contras. E, na tentativa de definir esta massa firme, homogênea e doce, veio à mente a expressão de Hermínio Bello de Carvalho ao homenagear Dona Oneyda Alvarenga por ocasião da morte dela. Disse ele: “D. Oneyda era alfenim”. Tomei emprestado: “Marta era alfenim”.